

A primeira oração de Jéssica

A primeira oração de Jéssica



Hesba Stretton



São Paulo, SP

Copyright © 1867, Hesba Stretton (Sarah Smith)

Ilustrações por Walter Jenks Morgan

Título do original: Jessica's first prayer

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORIA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1.ª edição: 2024

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Edição e tradução: *Paula Jacobini*

Revisão de texto: *Jorge A D Romero*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stretton, Hesba, 1832-1911.

A primeira oração de Jéssica / Hesba Stretton; tradução
Paula Jacobini. – São Paulo: Editora Gadel, 2024.

84 p.: il., 21 cm

Tradução de: Jessica's first prayer

ISBN 978-65-981342-6-6

1. Cristianismo – Literatura infantojuvenil 2. Orações –
Literatura infantojuvenil I. Título.

24-198164

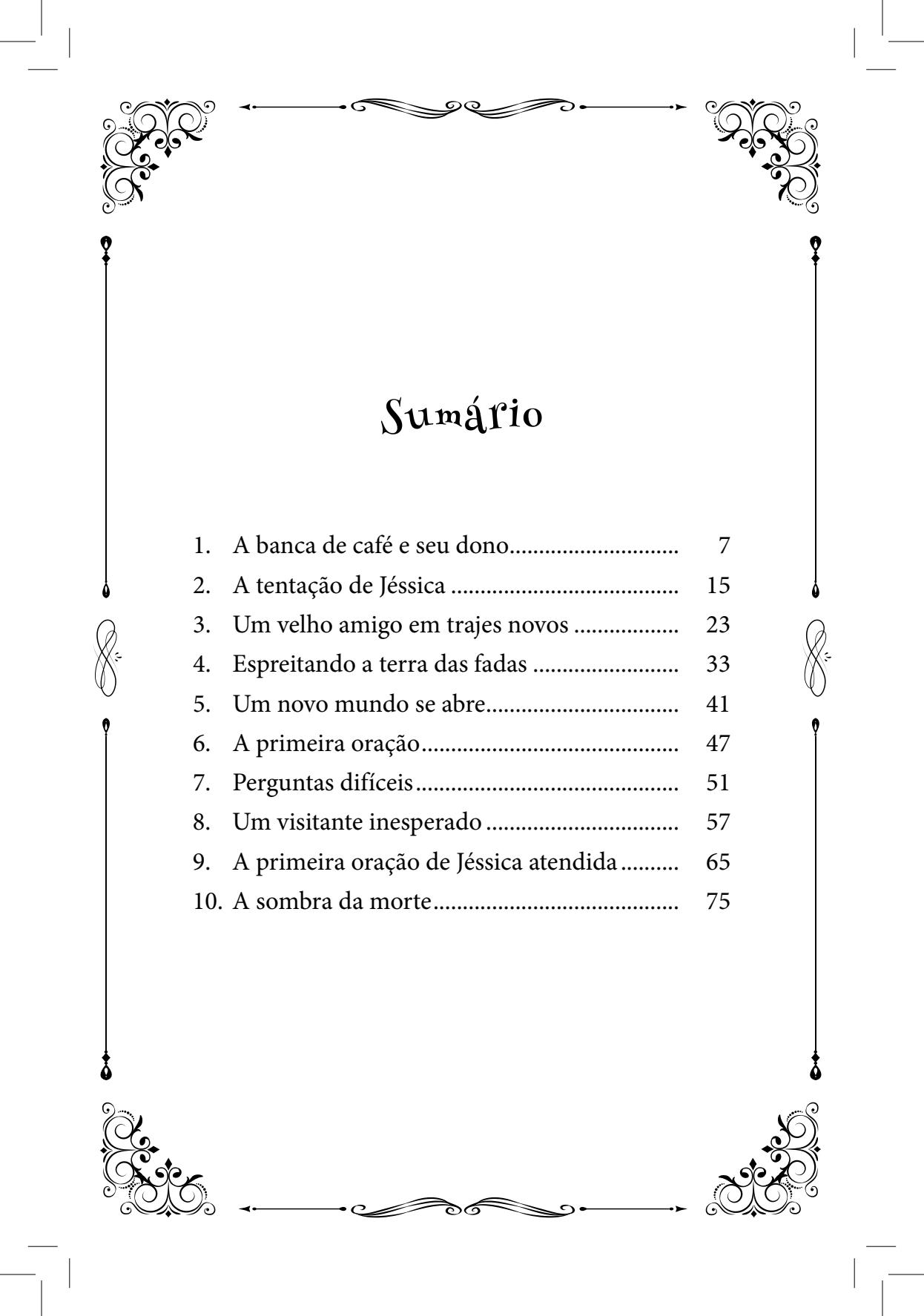
CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Orações : Literatura infantil 028.5
2. Orações : Literatura infantojuvenil 028.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415





Sumário

1.	A banca de café e seu dono.....	7
2.	A tentação de Jéssica	15
3.	Um velho amigo em trajes novos	23
4.	Espreitando a terra das fadas	33
5.	Um novo mundo se abre.....	41
6.	A primeira oração.....	47
7.	Perguntas difíceis	51
8.	Um visitante inesperado	57
9.	A primeira oração de Jéssica atendida	65
10.	A sombra da morte.....	75



A banca de café e seu dono

Num canto protegido e isolado de uma das muitas pontes ferroviárias que atravessam as ruas de Londres, podia-se ver, há alguns anos, das cinco horas da manhã até às oito e meia, uma cafeteria bem organizada, consistindo de um cavalete e uma tábua, sobre os quais havia duas grandes latas com um pequeno fogo de carvão aceso embaixo de cada uma, para manter o café fervendo durante as primeiras horas da manhã, quando os trabalhadores se amontoavam na cidade em seu caminho diário para o trabalho.

A cafeteria era uma das preferidas pelas pessoas que passavam por ali, pois, além de ficar abrigada – o que era de grande importância nas manhãs de chuva –, era montada em um ponto tão privado que os clientes

que tomavam o desjejum ao ar livre não ficavam demais-
iado expostos para repararem; e, além disso, o dono
da cafeteria era um homem quieto, que se preocupava
apenas em servir os trabalhadores ocupados, sem atra-
palhá-los com qualquer fofoca.

Ele era um homem alto, magro e idoso, com um
rosto singularmente solene e modos graves e reser-
vados. Ninguém sabia seu nome nem onde morava;
exceto, talvez, o policial que passava pela banca de
café a cada meia hora e acenava familiarmente para o
homem solene atrás dela. Eram muito poucos os que
se dignavam a fazer qualquer pergunta sobre ele, mas
aqueles que o fizeram só puderam descobrir que ele
guardava a mobília de sua banca num café vizinho,
para onde transportava o cavalete, a tábua e a louça
todos os dias, o mais tardar às oito e meia da manhã;
depois disso, ele costumava deslizar para longe com
passos suaves e um ar misterioso e fugitivo, com muitos
olhares para trás e de soslaio, como se temesse ser
observado, até perder-se entre as multidões que se
aglomeravam nas ruas.

Ninguém jamais teve a curiosidade de rastreá-lo até
sua casa ou de descobrir seus outros meios de ganhar
a vida; mas, em geral, sua banca estava rodeada de

A primeira oração de Jéssica

clientes, a quem ele atendia com uma seriedade silenciosa, e que não hesitavam em pagar-lhe o preço do café fresco que lhes fornecia.

Por vários anos, a multidão de trabalhadores parava junto à banca de café sob o arco da ferrovia, quando uma manhã, num rápido intervalo de seus negócios, o proprietário percebeu, de repente, um par de olhos escuros e muito brilhantes fixos nele e nas fatias de pão com manteiga em sua tábua, com um olhar tão faminto quanto o de um rato que foi levado pela fome para uma armadilha. Um rosto magro e mirrado pertencia aos olhos, que estavam meio escondidos por uma massa de cabelo emaranhado que caía sobre a testa e descia pelo pescoço – a única cobertura que a cabeça ou o pescoço tinham, pois um vestido esfarrapado, mal amarrado com cordões quebrados, escorregava sobre os ombros trêmulos da menina.

Abaixando-se sobre uma cesta atrás de sua banca, ele avistou dois pezinhos descalços saindo da calçada úmida, enquanto a criança levantava primeiro um e depois o outro e os colocava um sobre o outro para ganhar uma sensação momentânea de calor. Quem quer que fosse a infeliz criança, ela não falou; só que a cada xícara fumegante que ele servia de sua lata, os

olhos escuros da menina brilhavam famintos, e ele podia ouvi-la estalar os lábios finos, como se imaginasse que estava saboreando o café quente e perfumado.

— Ah, vamos lá — disse ele por fim, quando restava apenas um garoto tomando seu café da manhã sem pressa, e ele se inclinou sobre sua banca para falar em tom baixo e calmo — por que você não vai embora, garotinha? Vamos, vamos; você já ficou aqui muito tempo, não acha?

— Já estou indo, senhor — ela respondeu, encolhendo os pequenos ombros para puxar o vestido para cima, em volta do pescoço — só que está chovendo muito; e a mãe esteve fora a noite toda e levou a chave com ela; e é tão gostoso sentir o cheiro do café; e a polícia me deixou em paz enquanto fiquei aqui. Eles pensam que sou uma cliente tomando meu café da manhã.

E a criança deu uma risada estridente de zombaria de si mesma e do policial.

— Suponho que você não tenha tomado café da manhã — disse o dono da banca de café, com a mesma voz baixa e confidencial e inclinando-se sobre a banca até que seu rosto quase tocasse as feições finas e marcantes da criança.